



# **UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA**



**UFSC NA MÍDIA – CLIPPING  
10 de maio de 2013**

## Diário Catarinense - Serviço

### "Pós-Graduação"

Inscrições / Seleção para turmas de mestrado e doutorado / Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da UFSC / Centro de Ciências da Saúde –CCS

• **Pós-graduação** – Estão abertas até o dia 1º de junho as inscrições para o processo de seleção da turma de 2013 nos cursos de mestrado e doutorado em Saúde Coletiva da UFSC, em Florianópolis. As inscrições devem ser feitas na secretaria do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva, andar térreo do CCS, das 9h às 11h30min, e das 14h às 17h. Mais informações estão no site [ppgsc.ufsc.br](http://ppgsc.ufsc.br).

## Diário Catarinense - Serviço

### "Simpósio"

Simpósio *Álcool e Outras Drogas: Formação Profissional e Práticas de Atenção* / Auditório da Reitoria da UFSC / Inscrições

• **Simpósio** – Será realizado amanhã, a partir das 8h30min, o simpósio *Álcool e Outras Drogas – Formação Profissional e Práticas de Atenção*, no auditório da reitoria da UFSC. O público-alvo do evento é formado por estudantes e profissionais das áreas da Saúde, Assistência Social, Educação e Segurança Pública. A entrada é gratuita, e as inscrições devem ser feitas no local. Mais informações pelo telefone (48) 3721-9014.

## Notícias do Dia - Serviço

### "Dependência Química"

Centro Regional de Referência para Formação de Profissionais que atuam com Usuários de Crack e Outras Drogas e seus Familiares da UFSC / Simpósio *Álcool e Outras Drogas: Formação Profissional e Práticas de Atenção* / Auditório da Reitoria da UFSC

**Dependência Química**  
O Centro Regional de Referência para Formação de Profissionais que atuam com Usuários de Crack e outras Drogas e seus Familiares da UFSC promove amanhã o simpósio "Álcool e Outras Drogas: Formação Profissional e Práticas de Atenção", a partir das 8h30, no Auditório da Reitoria. A entrada é gratuita. Informações: 3721-9014.

## Diário Catarinense – Estela Benetti

### "Energia + Limpa"

Instituto Ideal de Energias Alternativas / UFSC / Seminário *Energia + Limpa* / Presidente da Abeeólica, Elbia Melo / Inscrições

**Energia + Limpa**  
O Instituto Ideal, de Energias Alternativas, realiza segunda, na UFSC, o seminário *Energia + Limpa*. Uma das palestrantes será a presidente da Abeeólica, Elbia Melo. Inscrições no [www.institutoideal.org.br](http://www.institutoideal.org.br).

## Notícias do Dia – Carlos Damião

### “Fundo Solar”

Simulador Solar / Instituto Ideal / Fundo Solar / Seminário *Energia + Limpa*



## Notícias do Dia – Caderno Plural

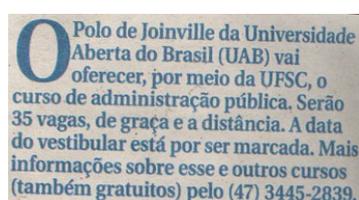
### “Feira do Livro: EdUFSC lança nova coleção”

Editora da UFSC – EdUFSC / Coleção Antropologia em Laboratório / Feira do Livro de Florianópolis / Praça da Alfândega



## A Notícia – Portal

Universidade Aberta do Brasil –UAB / Polo de Joinville / UFSC / Curso de Administração Pública



## Diário Catarinense – Artigos

“Que UFSC queremos ter?”

Um ano da atual administração da UFSC / Greve pela administração superior / Intervenção nas escolhas de diretores / Hospital Universitário / Centro de Ciências Jurídicas / Calouros ingressantes pelo sistema de cotas / Assessoria de comunicação / Processos de licitação / Aquisição de edifício / Suspensão de atividades no Centro de Cultura e Eventos / Remoções de servidores / Professor da UFSC, Áureo Moraes

### Que UFSC queremos ter?

Neste dia 10 de maio, a atual administração da UFSC completa um ano. Na campanha, a reitora propunha transformar a “UFSC que temos” na “UFSC que queremos”. Na UFSC que tínhamos, desde 1960, quando criada, prevalecia o entendimento de que a vocação da instituição estava ligada ao desenvolvimento de Santa Catarina, à valorização da ciência, à formação de profissionais competentes – uma instituição que formou gerações de gestores, atores políticos, que protagonizou ações de vanguarda para dotar o Estado e o Brasil das mais brilhantes cabeças pensantes.

Hoje, ao que parece, esta história de nada valeu. Em apenas um ano a atual administração tratou do passado como se fosse um fardo, como se tudo antes fosse nada e que somente o que vier terá valor. Um equívoco político pelo qual a UFSC inevitavelmente pagará um alto preço no futuro. Apenas para citar alguns exemplos no restrito espaço que temos: a decretação de uma greve pela administração superior; a tentativa de intervenção nas escolhas dos diretores do Hospital Universitário e do Centro de Ciências Jurídicas; o despreparo na acolhida a calouros ingressantes pelo sistema de cotas; o esvaziamento da assessoria de comunicação; o engessamento dos processos de licitação; a aquisição de um edifício por R\$ 33 milhões a um custo quatro vezes superior ao CUB; a suspensão das atividades do Centro de Cultura e Eventos, com um “jogo de cena” em torno de supostas irregularidades que até hoje não foram confirmadas. Além disso, remoções de servidores com larga folha de contribuições à UFSC sem razões plausíveis; enfim, um conjunto de ações/omissões que praticamente paralisaram projetos e comprometeram outros tantos. Se é esta a UFSC que queremos, temo pela UFSC que acabaremos por ter.



**AUREO MORAES**  
Professor da UFSC há 20 anos, ex-diretor da Agecom e ex-chefe do gabinete do reitor

**Ao que parece, esta história da UFSC de nada valeu. Em apenas um ano, a atual administração tratou do passado como se fosse um fardo.**

Leituras!

por Moacir Loth

## Fé cega nas bruxas

Enriquecendo a *Coleção Repertório*, a EdUFSC homenageou a cultura ilhoa com a reedição do clássico ***O Fantástico na Ilha de Santa Catarina***, de Franklin Cascaes, cujo acervo pode ser conhecido visitando-se o Museu da Universidade. O lançamento foi reverenciado pelo principal discípulo e continuador da obra, o museólogo Gelci José Coelho (Peninha). O livro reúne, em volume único, 24 narrativas ilustradas pelo próprio artista. O caldeirão bruxólico é composto pelo universo açoriano, o imaginário ilhéu e o falar açoriano-catarinense. No cardápio, aparecem Congressos, balanços e vassouras bruxólicas, bruxas ladras de baleeiras, baile de bruxas dentro de uma tarrafa de pescaria, eleições...

As estórias são produzidas (em

cadernos de anotações) no período de 1946 a 1975. Cascaes escreve com a convicção de quem acredita piamente no que ouviu e viu nas comunidades pesqueiras. No final de cada conto, faz uma homenagem à Ilha. Em *Eleições*, não diz nada. Nem precisava...

O glossário do livro é de autoria do pesquisador Oswaldo Antônio Furlan. A organização deve ser creditada a Peninha, mas não pode ser menosprezado o empenho decisivo de Dulce Maria Halpap e Bebel Orofino Schaefer. A reedição é um alento à preservação da memória de quem fez a história da nossa gente.

Cascaes nasceu em São José (SC), em 1908 e faleceu na Ilha, em 1983. Dois anos antes, em 1981, havia doado toda a sua obra à UFSC e declarado Peninha como seu escudeiro.

## A História da cidade contada pela arte

A Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Estado de Santa Catarina (Fapesc) selecionou, por meio de Edital, 33 propostas de publicações em várias áreas do conhecimento. Mas se tivesse aprovado apenas uma, a iniciativa já teria valido a pena.

A *representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas de Florianópolis*, de Sandra Makowiecky, publicado pela DIOESC, em formato de álbum (474 páginas), não preenche apenas uma lacuna, mas assume a condição de livro necessário para atender e valorizar a arte, os talentos e a cidade.

A ex-pró-reitora de Ensino da Universidade do Estado de Santa Catarina (Udesc) brinda os leitores com uma pesquisa inédita, original e pioneira no campo da Literatura e da Arte. Aqui, nas palavras da pesquisadora, encontramos “*um pouco da história da cidade, um registro visual de obras de seus artistas plásticos, bem como a representação do*



Sandra Makowiecky. Foto: Janine Turco. N/D.

*que elas representam para a nossa cultura”.*

O livro é um prato saboroso para historiadores, estudantes de Arte, professores em geral, artistas, museólogos, arquitetos e gestores públicos. Pena que não possa chegar a todos. Mas o consolo é que a Tese de Doutorado, defendida junto ao Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da UFSC, acabou não dormindo nas prateleiras.

O próximo passo será, certamente, uma reedição para tornar a obra acessível, valorizando e reconhecendo, simultaneamente, a autora e os verdadeiros atores desta história: os artistas.

Sandra não renega o poeta Fernando Pessoa e dedica a obra à “aldeia Florianópolis”. Pesquisas deste porte e peso ajudam a justificar plenamente a universidade pública. O livro da aldeia é universal.



A representação da cidade de Florianópolis na visão dos artistas plásticos  
Sandra Makowiecky

Pró-Reitora de Pós-Graduação da UFSC, Joana Maria Pedro / Instituto de Estudos de Gênero da UFSC / História das mulheres / Relações de gênero / Ensino de História / Reitora Roselane Neckel / “Nova História” / Guerra do Contestado / Imprensa / Feminismo / Livro *Nova História das Mulheres no Brasil* / Lei Maria da Penha / Casamento entre pessoas do mesmo sexo / Julgamento do Mensalão / Colégio de Aplicação

## Entrevista

# Joana Maria Pedro

Historiadora, escritora, Pró-Reitora de Pós-Graduação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Natural de Itajaí (SC), ex-professora de História, no ensino fundamental e médio, Joana Maria Pedro formou-se na Univali, fez Mestrado na UFSC (SC), Doutorado na USP(SP) e Pós-Doutorado na “*Université d’Avignon et des Pays de Vaucluse*” (França).

Professora titular de História Social e Pesquisadora do Instituto de Estudos de Gênero, Joana é, atualmente, Pró-Reitora de Pós-Graduação, da UFSC.

Em entrevista concedida ao jornalista Moacir Loth, com exclusividade para *História Catarina*, a historiadora fala das suas pesquisas, da qualidade do ensino, da “Nova História”, da Guerra do Contestado, da

mídia e da Universidade. Não foge também de temas polêmicos como feminismo, Lei *Maria da Penha* e mensalão. É uma das autoras do livro *Nova história das mulheres no Brasil*. Escreveu ainda *Nas tramas entre o público e o privado – A imprensa de Desterro no Século XIX*; e *Mulheres honestas e mulheres faladas: Uma questão de classe*, que será reeditado, em breve, pela EdUFSC.

Quais são as suas principais linhas de pesquisa?

**J.M.P** – Eu trabalho, principalmente, com História das Mulheres e as Relações de Gênero, mas tenho me dedicado também à questão da interdisciplinaridade.

Poderia destacar algumas obras que marcaram a trajetória da pesquisadora e historiadora?

**J.M.P** – Os trabalhos de historiadoras como Maria Odila Leite da Silva Dias, Rachel Soihet e Margareth Rago, para citar as brasileiras. E Joan Scott e Michelle Perrot, para citar as estrangeiras.

Claro que ainda tenho que mencionar Simone de Beauvoir – autora de *O segundo Sexo* – como uma influência muito importante, e não somente para mim, mas para toda uma geração de mulheres.





Qual é a sua avaliação em relação à qualidade do ensino de História ministrado, hoje, nas escolas municipais e estaduais? A Universidade Pública pode melhorar esse quadro?

**J.M.P** – Eu fui, durante dez anos, professora de ensino fundamental e médio. Em Itajaí, dei aulas de História, para turmas de 5ª a 8ª séries, no ensino público, e também dei aulas para turmas do ensino médio, neste caso, em escola particular. Sempre me preocupei com o ensino desta disciplina. Tenho reivindicado que o conhecimento novo, que é produzido nas universidades (na forma de Pesquisa, Dissertação e Tese) chegue até este público. Entendo que toda pessoa que trabalha com História deve buscar o público mais amplo, além do acadêmico.

Por outro lado, a escola pública de ensino fundamental e médio tem

se deteriorado muito, apesar dos esforços que têm sido feitos. É preciso recuperar anos de abandono. A própria profissão de professora – e vou usar o substantivo feminino porque a maioria é, mesmo, constituída por professoras – repito, esta profissão tem sido desqualificada por muito tempo, especialmente aquela voltada para o ensino municipal e estadual, nos níveis fundamental e médio.

A Universidade, com esta política de cotas, poderá ajudar a melhorar a situação à medida que estimular os pais a exigirem mais das escolas públicas. Por outro lado, penso que os Cursos de Pós-Graduação podem ajudar os estudantes oriundos da escola pública, no reforço do conhecimento. Um sistema de tutoria poderia ajudar muito.

Os historiadores têm ocupado importante espaço político. Na UFSC, por exemplo, a Reitora Roselane Neckel é historiadora. Isso significa reconhecimento da sociedade?

**J.M.P** – Não acredito que a Profª. Roselane Neckel tenha sido eleita por ser historiadora. Foi eleita por ter uma proposta importante para a UFSC. Foi sua proposta de gestão que a levou para a Reitoria e não a sua formação como historiadora.

A UFSC já teve reitores de diferentes profissões: administradores,

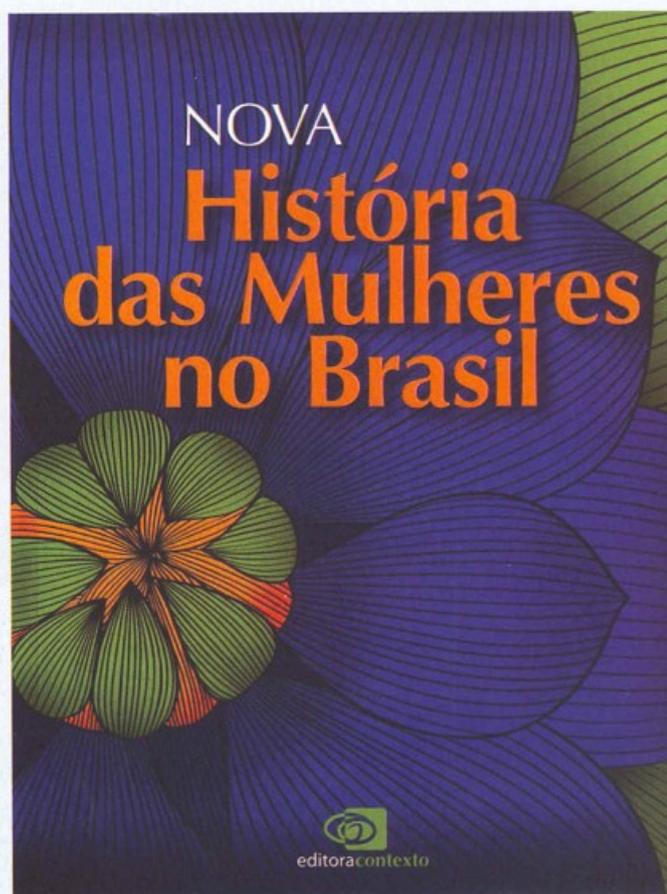
médicos, biólogos, engenheiros, advogados, entre outros. Por outro lado, é preciso reconhecer que a trajetória política das mulheres dos tempos atuais possibilitou não somente que uma mulher se candidatasse, como, também, que os eleitores considerassem viável esta candidatura. Há 20 anos, isso seria bem mais difícil.

Algumas das suas metas e prioridades à frente da Pró-Reitoria de Pós-Graduação podem beneficiar o ensino e a pesquisa no campo da História?

**J.M.P** – Eu entendo que, como Pró-Reitora, não posso voltar minha atenção apenas para a disciplina “História”. A gestão é para toda a Universidade. Evidentemente, minha sensibilidade, como historiadora, me faz prestar atenção às possibilidades de preservação e de recuperação de fontes que são imprescindíveis para a História. Entretanto, isso não é suficiente. À frente da Pró-Reitoria de Pós-Graduação, minhas principais metas são a melhoria da qualidade do ensino e da pesquisa na UFSC, a internacionalização do conhecimento e a busca de excelência na formação, em todos os Cursos de Pós-Graduação.

Existe, hoje, realmente, uma “Nova História”?

**J.M.P** – Desde os anos 30 do século XX, a História que narrava a trajetória de reis e de grandes batalhas passou a ser questionada. Este questionamento foi expresso através da narrativa de novas questões historiográficas. Estas passaram a ser chamadas de



Capa do livro *Nova História das Mulheres no Brasil*.

"Desde os anos 30 do século XX, a História que narrava a trajetória de reis e de grandes batalhas passou a ser questionada".



“Nova História” e buscam o aprofundamento de questões relacionadas a pessoas comuns, focalizando o cotidiano. É dentro desta abordagem que se encontra a História das Mulheres e das Relações de Gênero. Obviamente, esta “Nova História” não ficou isenta de críticas. A principal crítica é a fragmentação. A acusação é de não buscar mais a “totalidade” da história da humanidade, algo que a História, enquanto disciplina, ambicionava fazer.

#### **A História contada pelos vencedores começa a ser superada?**

**J.M.P** – Acho que não. O surgimento de novas narrativas historiográficas não faz desaparecer formas antigas de se escrever História. Eu costumo dizer aos estudantes que, na maioria das cidades, sejam elas de que tamanho forem, há sempre um médico, padre ou juiz aposentado que se dedica a buscar documentos que falem da

história da cidade. Esta é uma história que costuma começar com o “primeiro homem” (em geral branco e rico) que se instalou na região. Desconhece que já havia pessoas morando aí e que somente homens não são capazes de formar uma cidade. Afinal, onde ficaram as mulheres? E as crianças e os idosos? E, no caso do Brasil, os índios? Nesta história há, comumente, uma narrativa linear que termina no último prefeito.

É, portanto, quase uma história administrativa, falando do nome dos “mais importantes” da região. Como se a riqueza local dependesse apenas destes homens – em geral são somente homens.

#### **A Guerra do Contestado está devidamente ensinada e divulgada no País?**

**J.M.P** – Ultimamente, novas pesquisas sobre a Guerra do Contestado têm sido feitas. Pesquisadores fazem reuniões periódicas divulgando as pesquisas que avançam no conhecimento sobre esta questão. Creio que estas atividades têm contribuído para maior divulgação, porém, reconheço, poucas pessoas têm conhecimento dos fatos sobre a Guerra do Contestado.

**Na sua opinião, a Imprensa, hoje, continua, como na época de Desterro, fazendo o jogo do poder? O jornalismo está, hoje, livre das “garras” dos partidos? O entrelaçamento entre**

interesses públicos e privados continua presente na Imprensa? Os periódicos deixaram de ser porta-vozes do poder político e de grupos econômicos?

**J.M.P** – Penso que não mudou muito. Infelizmente, isso não ocorre somente em Florianópolis ou em Santa Catarina. Isso é uma questão internacional. Poucas famílias controlam, em diferentes países, os meios de comunicação e, neste caso, não me refiro somente à Imprensa. A Internet, atualmente, tem tentado quebrar um pouco esta hegemonia; entretanto, tenho dúvidas de sua eficácia.

As suas pesquisas sobre Gênero e Mulher são reconhecidas aqui e no País. A professora é, assumidamente, uma feminista? O que seria o “feminismo de segunda onda”?

**J.M.P** – Eu me considero feminista, sim, e quero dizer que certamente muitas outras pessoas também o são, embora não se reconheçam como tal. Recentemente, publiquei um capítulo, no Livro *Nova História das Mulheres no Brasil*, onde eu questionava: *“Você considera que as mulheres são profissionalmente tão capazes quanto os homens? Revolta-se quando alguém é discriminada, sofre violência ou é desqualificada por ser mulher? Acha que as mulheres, assim como os homens, têm direito ao prazer sexual? Se respondeu ‘sim’ a estas questões, então você se identifica com uma importante bandeira do feminismo: a igualdade de direitos para homens e mulheres”*. Acontece que a palavra “feminista” tem sido tão desqualificada que poucas pessoas gostam de se autoidentificar como feministas.

O feminismo de “Segunda Onda” surgiu a partir de meados dos anos sessenta e início dos anos setenta do século XX. Entre as suas reivindicações, além dos direitos políticos e sociais, as mulheres reivindicavam também o direito ao controle sobre seu corpo, defendendo a ideia de que as mulheres eram mais do que apenas mães, esposas e donas de casa e que ti-

"Na maioria das cidades, sejam elas de que tamanho forem, há sempre alguém que se dedica a buscar documentos que falem da história da cidade".



nham direito ao prazer sexual. Hoje, isso parece óbvio, mas não era até meados do século passado. A denominação de “Segunda Onda” foi dada a este Movimento para estabelecer diferença em relação ao Movimento sufragista, iniciado no final do século XIX e início do XX, e que ficou conhecido como feminismo de “Primeira Onda”.

### **A Lei Maria da Penha mudou a história da mulher no Brasil?**

**J.M.P** – A Lei *Maria da Penha* é uma antiga reivindicação das mulheres e a dificuldade está em implementá-la. Durante muito tempo, agredir ou até matar uma mulher

não era considerado grave, especialmente se a mulher tivesse “desobedecido ao agressor ou traído este”.

Muitas mulheres ficaram gravemente feridas e morreram. Hoje, continuam sendo agredidas e morrendo, apesar da Lei *Maria da Penha*. Entendo que esta Lei ajuda muito, mas não é suficiente.

A cultura precisa mudar e isso exige um trabalho longo. Claro que, havendo a possibilidade de punição certa, muitos pensarão duas vezes antes de agredir.

### **Como vê as campanhas contra o casamento entre pessoas do mesmo sexo?**

**J.M.P** – Eu considero que amar nunca deveria ser um problema. Em que o amor entre pessoas, sejam elas de sexo diferente ou igual, atinge as demais? Considero que qualquer forma de amor deve ser estimulada e se, para a convivência destas pessoas, o casamento for importante, por que não? Duas pessoas que convivem, acumulam objetos, memórias, amizades, propriedades, dívidas, entre outras coisas. Esta convivência, por vezes, precisa ser formalizada e o casamento serve para isso. Por que não teriam direito? Penso que mais grave é desconsiderar, desprezar toda forma de amor que não seja aquela que se considera “normal”. Afinal, o que é “normal”?

### **O julgamento do mensalão é um divisor de águas na história da corrupção, no Brasil?**

**J.M.P** – Eu não considero que a cultura da corrupção no Brasil, a qual vem de longuíssima data, tenha terminado com o julgamento do “mensalão”. Esta é apenas uma gota no oceano e não somos ingênuos para não ver que este julgamento teve endereço definido pela política partidária.

Mesmo porque, se formos julgar as pessoas envolvidas com corrupção, no Brasil, teremos que voltar muito no tempo. Entendo que é preciso separar o público do privado. Que aquilo que é público precisa ser administrado com parcimônia e muita visibilidade. O Brasil tem se esforçado nesta direção, mas vai ser preciso muito trabalho para que mude efetivamente.

**Quem é Joana Maria Pedro? Qual é a sua história?**

**J.M.P** – Eu nasci em Itajaí, numa família de seis crianças. Meu pai era escriturário e músico e minha mãe dona de casa. Eu sou a segunda entre os filhos. Fui preparada para casar, mas também para trabalhar. Ninguém esperava que eu tivesse um marido que me sustentasse. Fui muito estudiosa.

A escola era o lugar onde eu me destacava. Tirava boas notas. Sempre gostei da escola. Cursei o primário numa escola pública, o ginásio no Colégio São José, o ensino médio no Colégio Fayal e o ensino superior na Univali. Fui professora de História no ensino fundamental e médio. Em 1979, defendi meu Mestrado, na UFSC, em História Econômica.

"Nasci em Itajaí. A escola era o lugar onde eu me destacava. Sempre gostei da escola, fui muito estudiosa e tirava boas notas".





Dei aulas no Colégio de Aplicação e no ensino Superior, na Univali. Em 1983, fiz concurso e me tornei professora da UFSC. Em 1992, fiz meu Doutorado, na USP, em História Social. Deste Doutorado surgiu o livro *Mulheres honestas e mulheres faladas: uma questão de classe*, editado pela UFSC. Fiz ainda Pós-Doutorado, na França, entre 2001 e 2002. Tenho me dedicado ao ensino, à pesquisa e à orientação, em cursos de Mestrado e Doutorado. Mas já ocupei vários cargos administrativos na UFSC.

Quais as leituras que foram fundamentais na sua formação? O que lê hoje?

**J.M.P** – Hoje, leio, principalmente, textos ligados à Pesquisa que coordeno, e, logicamente, as Teses e Dissertações que oriento ou das quais participo como avaliadora, em Bancas Examinadoras. Busco, também, leituras sobre Teoria e Metodologia da Pesquisa em História e na área interdisciplinar. Além, é claro, dos estudos de Gênero.

Ainda hoje se perde “*nos retalhos do passado*” que teima em “*costurar com linhas do presente*”? Consegue conciliar Ensino, Pesquisa interdisciplinar, Extensão, Política e Administração?

**J.M.P** – A história que escrevemos é sempre organizada em função do presente. É o presente que dá o norte da História, por mais antiga que ela seja. Continuo colhendo fragmentos, juntando partes, depoimentos, textos, imagens, formando com eles interpretações de partes do passado. Recupero Memórias, organizo-as e busco viabilizar a sua divulgação. Penso que, com isso, ajudo a lembrar, a não deixar esquecer. Mostro que o presente que vivemos é resultado de um passado vivido, experimentado e sofrido.

Muitas vezes me sinto andando numa corda bamba, tentando me equilibrar. Quando busco atender a uma demanda, vejo que existem outras que não foram atendidas. Conciliar todas estas atividades significa, muitas vezes, sacrificar muito a vida pessoal, o lazer e o descanso. **HC**



Sônia T. Felipe

# FARRA DO BOI

## Anacronismo moral

**A**o nascer, todo animal herda um *ethos*, sua genética específica, e as condições neuromentais para a constituição da consciência, a qual tem, como fundamento, a *senciência*, ou seja, a capacidade neurológica para sentir dor e prazer. Todo animal senciente, seguindo o propósito dessa natureza, evita as interações dolorosas e busca as prazerosas.

Muitos dicionários, especialmente os mais antigos, não trazem o verbete "senciência". Em outros, entre eles Houaiss e Michaelis *online*, encontra-se apenas o verbete "senciente", definido, respectivamente, como "*que sente, que percebe pelos sentidos, que recebe impressões*" e "*Que sente ou tem sensações; sensível*". Portanto, "senciente" é aquele que

"Todo animal senciente evita as interações dolorosas e busca as prazerosas".



Farra do Boi, acontecida em março de 2012.  
Fonte: ogridobicho.com

têm “consciência”, que fica ciente do que lhe acontece. Para alguns ramos da Etologia – ciência que estuda o comportamento social e individual dos animais – senciência refere-se à capacidade que alguns animais não-humanos, como os animais vertebrados superiores (mamíferos, aves, peixes, répteis e anfíbios), possuem de sentir prazer e dor, medo, alegria, estresse, memória e até saudades, sendo capazes de manifestar felicidade e sofrimento. Entre os animais domésticos, cães e cavalos talvez sejam os que mais têm capacidade de demonstrar tais sentimentos.

Assim, no que se refere à capacidade de sentir dor e prazer, todos os animais são iguais, não importa a forma como o seu organismo foi anatomicamente desenhado ou o nome pelo qual é designado.

Para Aristóteles, que defende a hipótese da criação social de um segundo *ethos*, gerado pelo exercício, pela repetição e pela tradição, o ser humano é constituído por dois planos, o

natural e o moral. Se o plano natural nos leva a buscar o prazer e a rejeitar a dor, o plano moral nos reveste de uma segunda natureza, que nos impele a buscar o bem sem causar dor e sofrimento a quem quer que seja.

De acordo com Aristóteles, este segundo *ethos* – do grego *êthos*, significando “modo de ser, caráter, costume”, ou do latim *ethica*, ética, “moral natural” – não surge naturalmente com a herança genética. Precisa ser criado pela prática privada e social, e recriado na educação de cada novo humano que nasce. O objetivo último da Ética é revestir a natureza animal da qual o humano é constituído, de tal modo que os humanos ingressem no mundo da busca do aprimoramento moral, firmando contratos do bem viver sem danificar a vida alheia. *A natureza precisa se tornar ética em cada indivíduo.*

Nossos hábitos são forjados em nossa mente pela família, pela escola e pela sociedade, desde muito antes de podermos pronunciar qualquer palavra. Nossa mente, e com ela nos-



sa moralidade, configuram-se nessas repetições privadas e sociais, que criam os hábitos e os costumes. O hábito nos acostuma a encarar como natural o que fazemos rotineiramente. Valorizamos moralmente o que nos aparece como natural, por estar ali desde muito antes de termos nascido. Por isso, tendemos a considerar as práticas culturais como moralmente boas. Entre essas práticas, cultivadas por gerações, é que temos, na região da Grande Florianópolis, a “farra do boi”.

Porém, por que a “farra do boi” entra na consideração ética?

Porque, sendo uma “farra”, está diretamente ligada à área do cérebro dos envolvidos, na qual os estímulos dolorosos e prazerosos são elaborados até se configurarem como tais.

Ocorre que, nessa “farra” as ações que os humanos chamam de “brincadeira” resulta em “farra” apenas para eles próprios: para os animais só há danos. Nos pratos da balança da dor e do prazer, há uma visível desproporção e assimetria: de um lado, humanos (mal) acostumados, consideram inofensivo maltratar o boi, argumentando tratar-se de uma tradição cultural, e, de outro, um animal, indefeso, que, embora possuindo um corpanzil, é colocado numa interação danosa para seu corpo, seu espírito e o bem próprio de sua constituição natural, tanto do ponto de vista anatômico, quanto fisiológico e psicológico.

Ao contrário dos equinos, os bovinos não são animais de fuga. São animais de resistência. A fuga, para eles, implica em alta descarga de adrenalina, o que detona sua saúde cardiológica. Tendo o peso que tem e não possuindo musculatura apropriada para a fuga veloz, esse animal pode até correr, fugindo de uma ameaça, ou mesmo investindo contra ela. Mas o boi não faz tal coisa por prazer, pois o custo fisiológico e emocional de tal “luta” é imenso, para ele.



"Na farra do boi as ações que os humanos chamam de *brincadeira* resulta em farra apenas para eles próprios: para os animais só há danos".



Ativistas, membros de cinco organizações não-governamentais (Ongs) de proteção animal, protestam contra a farra do boi, em frente ao Terminal de Integração do Centro (Ticen), em Florianópolis. 03/04/2009. Foto: Roberto Saraiva

Sabemos, por nossas próprias reações, que a descarga de adrenalina nas situações de ameaça física induz o organismo animal a enviar todo o sangue possível para os músculos que podem ser usados para a luta ou para a fuga.

Ao usar os músculos, intumesci-

dos pelo sangue, o animal queima a adrenalina. O desgaste é muito grande, para as demais funções do organismo. Passado o susto ou eliminada a ameaça, a reação fisiológica aparece: uma enorme fraqueza, tremor nas pernas e braços, dificuldade de respiração, aceleração cardíaca.

## A NOÇÃO DE CONSCIÊNCIA, A ÉTICA E A DOR NA VISÃO DOS FILÓSOFOS

A consciência só tem sentido e função na manutenção da vida e na prevenção de interações que a põem em risco. Isso vale para todas as espécies animais. Basta observar seu comportamento de fuga ou de curiosidade para sabermos que têm consciência do que pode ameaçar ou agregar benefício à sua sobrevivência.

Em 1776, Humphrey Primatt, um teólogo britânico, escreveu o seu único livro, *The Duty of Mercy*, no qual foram levantadas as teses da *sciência* de todas as espécies animais e formulados os argumentos da igual consideração de interesses semelhantes, adotados como fundamento da ética animal, pelo filósofo australiano Peter Singer. Para Pri-

Primatt, a aparência exterior de um animal, o fato de ele ter quatro patas, orelhas proeminentes em relação ao crânio, mandíbulas que se alongam, uma cauda, pelos, pele ou escamas, olhos posicionados nas laterais da face ou frontalmente, nada disso importa para medir a dor e o sofrimento nessa criatura.

Também não importa se o animal é capaz de falar, de raciocinar ou de formular juízos sobre o que fazemos a ele. A única coisa que importa, do ponto de vista ético, é se o animal é capaz de sentir dor e de sofrer. O fato de o animal não poder reportar sua experiência da dor para nós também não importa, pois nossos bebês humanos também não podem reportar suas dores. Ainda assim, não autorizamos quaisquer experimentos ou brincadeiras com seus corpos, porque sabemos que mesmo não podendo articular a frase: *“Isso está me doendo muito!”*, é dor o que eles sentem quando os maltratamos.

O fato é que, basicamente, somos todos constituídos de uma natu-



Enquanto os que promovem a *farra* se divertem, o boi pena e agoniza.

Fonte: [vanderdisenha.wordpress.com](http://vanderdisenha.wordpress.com)

reza que evoluiu a partir da sensibilidade à dor, sem a qual o organismo não poderia discernir o que promove a vida e descartar o que a arruína.

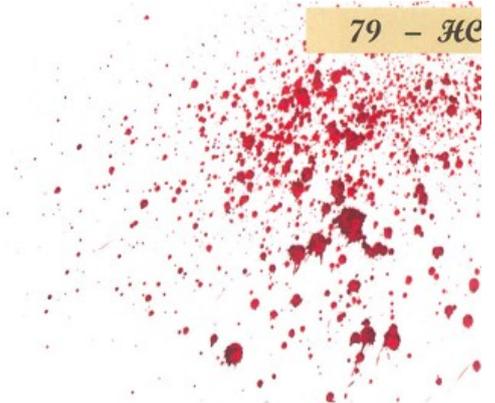
O século XVIII, em seu último quartel, brindamos com duas concepções éticas opostas: a de Kant, que julga a humanidade por seu grau de racionalidade, penetrando a moralidade até seus fundamentos, e a de Bentham, que retoma o princípio da dor e do prazer, tão caro a Aristóteles e a Hobbes, e volta a enfatizar a moralidade como a busca da felicidade, mas respeitando, em todos os casos, a dor e o sofrimento daqueles que podem ser atingidos por nossos atos, nossos empreendimentos e nossa busca pessoal do prazer.

Ambos, Kant e Bentham, ocupam-se da questão dos animais.

O prussiano, querendo afastar qualquer princípio empírico de sua concepção moral, admite que não podemos fazer mal ou causar danos aos animais, alegando, entretanto, que a razão disso não está no animal propriamente, posto que ele não seria sujeito moral, mas no agente – *o ser humano, que, ao fazer mal ao animal diminui sua própria grandeza moral e conspurca sua natureza racional.*

O britânico, por sua vez, usa o princípio empírico da dor e do prazer e, seguindo Hobbes e Aristóteles, admite que *a moralidade humana não alcançará, jamais, o aprimoramento enquanto os animais sencientes, quer dizer, capazes de sentir dor e de sofrer, não forem contemplados com o mesmo respeito devido à dor e ao sofrimento humanos. Simples assim.*

No que se refere à dor, o que vale, vale universal, imparcial e genericamente. Sem preferências, sem discriminação. Não há dor moralmente inferior, se a natureza de quem a sofre é animal. Um organismo constituído para sentir dor está dotado dos nociceptores (receptores sensoriais responsáveis por transmitir a percepção da dor) tão bem quanto outro, não importando a configuração externa ou o *design* do organismo animal em questão. Dor é dor. Se



"A moralidade humana não alcançará, jamais, o aprimoramento, enquanto os animais *sencientes*, capazes de sentir dor e de sofrer, não forem contemplados com o mesmo respeito devido à dor e ao sofrimento humanos".

ela é uma experiência maléfica para o organismo de um animal que a sente, ela é uma experiência igualmente maléfica para qualquer outro animal capaz de senti-la. A Declaração de Cambridge apenas veio confirmar a tese de Bentham de que a ética, a ciência, a cultura, a arte e a religião, do mesmo modo que o agronegócio, terão que rever seus moldes tradicionais antropocêntricos.

Também Descartes investigou a consciência, mas, no século XVII, não dispunha dos recursos hoje ao alcance dos neurocientistas. Dessa forma, investigou a consciência apenas anatomicamente, usando a vivisseção e a dissecação de cadáveres para estudo. Em tecidos mortos, obviamente, não há qualquer resquício de consciência.

Não encontrando evidência de consciência nos animais, o filósofo seiscentista declara que, não sendo capazes de falar, os animais não são capazes de pensar, e, não sendo capazes de pensar, porque não têm as palavras como instrumento do pen-

sar, eles não são capazes de sentir. Entretanto, Descartes, em uma carta endereçada a More, reconhece que *não encontrou prova alguma da inexistência da consciência nos animais, ainda que também não tenha encontrado prova alguma da sua existência*. Tais provas estão hoje nas mãos dos neurocientistas.

Reunidos em Cambridge, na Inglaterra, em 07/07/12, neurocientistas da cognição e computação, neurofarmacologia, neurofisiologia e neuroanatomia, fizeram a revisão crítica das teses científicas defendidas, até àquela data, a respeito da consciência animal (humana e não-humana). As conclusões a que chegaram os participantes desse Congresso resultaram na *Declaração de Cambridge* sobre a Consciência Animal. Nessa Declaração, os cientistas reconhecem, definitivamente, que todos os animais, dos mamíferos às aves e outras espécies, incluindo o polvo, são conscientes, têm emoções e afetos, diferindo dos humanos apenas no modo pelo qual expressam seus sentimentos.

São, portanto, capazes de sentir dor e de sofrer, como qualquer humano o é. Isso basta para que redefinamos o Estatuto dos Animais, na cultura e nas tradições em que queremos formar as gerações humanas influenciadas por nós.

Porém, apesar das afirmações dos cientistas, ritos de interação dolorosa homem-animal continuam celebrados por defensores da “cultura” e das “tradições”. Sem dar-se conta do anacronismo moral, acadêmicos de-



Flagrante de *farra do boi*, em Florianópolis.  
Foto: Julio Cavalleiro/Zero Hora.

fendem a *farra do boi* como “patrimônio” cultural, seguindo a índole do próprio termo, do qual se originam, igualmente, pai e patrão, senhores da vida de quem lhes pertence. Tal espécie de patrimônio cultural, em vez de engrandecer a moralidade humana, macula-a.

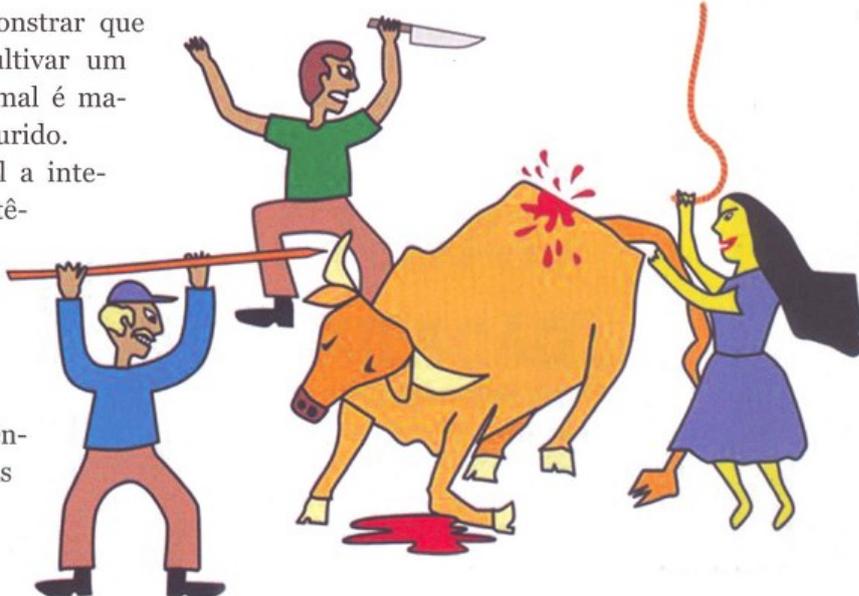
A tese do valor da tradição não é suficiente para fundamentar a continuação de práticas sabidamente cruéis contra os animais. Pelo contrário: se uma vez a “farra do boi” foi considerada valiosa, do ponto de vista educativo, continuar a farrear com os bois, mesmo vendo os danos que os bois sofrem, indica apenas o atraso moral no qual queremos manter os espectadores dessas cenas de crueldade. A defesa da cultura e da tradição não podem estar imunes ao juízo moral crítico, nem podem atos cruéis ficar impunes.

## A “FARRA DO BOI”

Trazida dos Açores para o Brasil, a “farra do boi” tem sido um espetáculo de crueldade que não encontra fundamento algum que a possa sustentar. De cultural ela não tem nada.

Cultura é algo que se deve cultivar. Não há argumento que possa demonstrar que temos necessidade de cultivar um espetáculo no qual o animal é machucado, perseguido e exaurido.

Submeter um animal a interações dolorosas é submetê-lo a um estresse desnatural, expondo-o a consequências nocivas para sua saúde e sua mente. No caso da “farra do boi”, essas consequências resultam das descargas químicas, produzidas em seu organismo em decorrência da pressão



"A tese do valor da tradição não é suficiente para fundamentar a continuação de práticas sabidamente cruéis contra os animais".

ambiental e dos ferimentos dolorosos, causados pela “farra” dos humanos. O boi sofre a descarga adrenal sem trégua e seus efeitos ácidos corroendo cada célula do seu coração, músculos, nervos, pulmões e cérebro. Nessa “farra”, os humanos – drogados por aditivos consumidos para farream mais – não sentem os efeitos deletérios da adrenalina e se divertem enquanto o boi pena e agoniza.

O que há, na farra-do-boi, que a torne digna de ser mostrada às crianças, para que elas continuem a promulgar os valores dos quais essa farra está imbuída? Ninguém, em sã consciência, pode alegar que um espetáculo deve ser mantido, em razão de que foi cultivado ou cultuado por séculos de tradição. Também as tradições precisam ser submetidas ao juízo de valor ético e precisam, hoje, passar pelo crivo ético abolicionista.

Há décadas, os ambientalistas questionam:

– “Qual o Planeta que queremos deixar para nossos filhos?” Os abolicionistas retrucam:

– “Filhos de qual tipo estamos deixando no Planeta?”. **HC**

**Sônia T. Felipe** é Doutora em Filosofia Moral e em Teoria Política, pela Universidade de Konstanz (Alemanha); cursou Pós-Doutorado em Bioética animal (Lisboa). É co-fundadora do Núcleo de Estudos

Interdisciplinares sobre a Violência (UFSC). Membro do *Bioethics Institute*, da Fundação Luso-americana para o Desenvolvimento, e investigadora do Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa.

As perguntas desta seção constituem apenas sugestões para professores e alunos.



## FARRA DO BOI

- 01) O que todo animal herda ao nascer?
- 02) O que é “senciência”?
- 03) Além dos humanos, há outros animais sencientes. Dê exemplos.
- 04) De acordo com Aristóteles, a ética é herdada ou adquirida? Explique.
- 05) Por que a “farra do boi” entra na consideração ética?
- 06) No que diz respeito ao que sentem o homem e o animal, o que ocorre na “farra do boi”?
- 07) Explique o que ocorre no organismo quando é acionada uma grande descarga de adrenalina.
- 08) Complete: Para Primatt, não importa a aparência exterior \_\_\_\_\_. Também não importa \_\_\_\_\_. A única coisa que importa \_\_\_\_\_.
- 09) De onde veio a “farra do boi” e sob que argumento ela continua a ser praticada?
- 10) Qual a sua opinião a respeito da “farra do boi”? Ela deve ou não continuar existindo? Por que?



# CLIPPING DIGITAL

**Clipping dia 09/05/13**

[Mostra que aborda a história do design é apresentada na capital de SC](#)

[UFSC inaugura novos espaços nesta sexta-feira](#)

[Cultura e Lazer](#)

**Clipping dia 10/05/13**

["Temos sim que chamar forças policiais", diz reitora da UFSC sobre a segurança](#)

[Irregularidades no estacionamento da UFSC são recorrentes](#)

[UFSC realiza eventos em comemoração à Semana Brasileira de Enfermagem](#)

[O cinema feito por mulheres durante a ditadura](#)

[Dois anos depois, Ano Brasil-Alemanha da Ciência continua rendendo frutos](#)

[Dígito intensifica su expansión internacional](#)